

CULTO DE PENTECOSTES – 2023

Exegese do texto da Prédica: Números 11.24-30¹

Leituras: João 20.19-23; 1 Coríntios 12.3b-13

P. Dr. Roger Marcel Wanke

roger.wanke@flt.edu.br

Introdução

Em tempos pós-modernos, a Igreja de Jesus Cristo deve ser exortada a viver a partir do Espírito Santo e não a partir do “*espírito da época*”. Aqui reside a relevância de um culto de Pentecostes ontem e hoje. O diálogo com o “*espírito da época*” é necessário e saudável para a Igreja, para que ela possa conhecer o contexto, no qual ela deve estar inserida. Mas não é o contexto, muito menos o “*espírito da época*” que devem determinar o agir, a palavra e a relevância da Igreja. A Igreja é de Jesus Cristo. Ele é o seu Senhor. Por isso, somente a voz de seu Espírito Santo tem permissão de falar à Igreja e nortear sua atuação no mundo, independente do que diz o *espírito da época* em que se vive. Conforme o relato bíblico, o Espírito Santo é a presença do próprio Deus que age no seu povo e no mundo, o qual criou. A ênfase dos textos previstos para o culto de Pentecostes deste ano aponta para a presença e para a ação do Espírito Santo dentro da comunidade. Ao soprar o seu Espírito, Deus capacita a sua comunidade a assumir sua tarefa missionária, catequética, diaconal e pastoral, não apenas para ministros ordenados, mas sobre toda a sua comunidade.

O texto previsto para a pregação do culto de Pentecostes desse ano se encontra no livro de **Números 11.24-30**. Como veremos a seguir, a ênfase do texto está na dádiva do Espírito Santo sobre os anciãos de Israel, capacitando-os a serem auxiliares de Moisés na condução do Povo de Israel, durante sua caminhada pelo deserto até a Terra Prometida. Já os textos previstos como leitura bíblica são do Novo Testamento. O primeiro, **João 20.19-23**, está inserido no contexto do domingo de Páscoa. Ele relata a aparição do Cristo ressurreto aos discípulos, que estavam trancafiados em uma casa com medo dos judeus. Após desejar a paz aos seus discípulos e lhes dizer que veio para enviá-los, pelo fato do próprio Pai tê-lo enviado (*Missio Dei*), Jesus sopra-lhes o Espírito Santo, dizendo: “*recebei o Espírito Santo*” (v.22). Diferente da tradição Lucana, que compreende o sopro do Espírito Santo no dia de Pentecostes [50 dias após a Páscoa], João o localiza no próprio dia de Páscoa. A ênfase de João, em seu relato, não está na cronologia, mas sim nas implicações de receber o sopro do Espírito Santo. Tendo como ponto de partida o “Discurso de Despedida” (Jo 13-17), no qual Jesus anuncia a vinda do “consolador”, referindo-se ao Espírito Santo, João aponta para a capacitação que os discípulos vão receber do próprio Cristo ressurreto, ao soprar sobre eles o Espírito Santo. Para João, o Espírito Santo é a presença do próprio Cristo ressurreto em sua comunidade, consolando-os e fortificando-os e certificando-os da paz com Deus, diante das aflições deste mundo (Jo 16.33). O Espírito Santo é aquele que convence do pecado, da justiça e do juízo (Jo 14.7-11). Ele os guiará à verdade e anunciará todas as coisas que hão de vir (Jo 16.13-15). Jesus não deixa a sua igreja órfã, ou à mercê deste mundo. Mas prometeu estar presente nela por meio do seu Espírito Santo. Assim fica evidente que a Igreja só poderá cumprir sua função e tarefa no mundo, se o Espírito Santo habitar

¹ Exegese publicada como auxílio homilético em: HOEFELMANN, Verner (coord.). Proclamar Libertação: auxílios para o anúncio do evangelho. Volume 41. São Leopoldo: Sinodal/EST, 2016, p. 196-204.

no seio de sua comunidade, consolando-os e capacitando-os a fazer o que Jesus Cristo fez e anunciou. O segundo texto previsto é do apóstolo Paulo em **1 Coríntios 12.3b-13**. No contexto conturbado da comunidade de Corinto, Paulo os exorta a olharem para a comunidade da forma como Deus a pensou, ou seja, como um corpo vivo, onde há vários membros com seus dons, presenteados pelo Espírito Santo a fim de edificar a comunidade. É o Espírito Santo que cria a Igreja e a capacita para seu serviço dentro dela e também no mundo. Em Corinto, parece haver uma concorrência entre os membros no que se refere aos melhores dons, e estes, acabam se esquecendo de que o principal de todos os dons é o amor (cap. 13). Esse texto deixa claro, que, infelizmente, também é possível haver dificuldades de relacionamento dentro da comunidade cristã, quando o assunto são os dons do Espírito Santo. Alguns acham que são melhores que outros. Outros acham que são incapazes, se comparados com alguns. Alguns acham que precisam fazer tudo sozinho no Reino de Deus. Outros acham que não precisam fazer nada.

Em suma, a relação entre os dois textos previstos como leitura bíblica com o texto da prédica está em apontar para a realidade da *Missio Dei*, que agora ganha dimensões comunitárias, ou seja, Deus enviou Jesus, que enviou (soprou) o Espírito Santo sobre os discípulos e estes agora, são enviados a criar e edificar comunidades. Deus desce do céu (nuvem) para partilhar e conceder dons ao seu povo (Nm 11.25). Na comunidade o Espírito Santo age, concedendo a Palavra de Deus e os dons para o serviço e para a edificação da comunidade. Portanto, não é possível ser cristão, sem ser tocado, transformado, convencido e capacitado pelo Espírito Santo tanto para crer quanto para servir. A perícopre indicada já foi trabalhada em duas contribuições anteriores de Proclamar Libertação. Ambas também previstas para o domingo de Pentecostes².

Análise Exegética

O texto de Nm 11.24-30 está inserido num grande bloco, chamado na pesquisa de “*perícopre do Sinai*” [Êxodo 19 – Números 10], que narram os eventos que aconteceram ao pé do Monte Sinai. Entre eles se destacam a dádiva da Lei (Decálogo e outros mandamentos – Êx 20-21), as orientações relativas à construção do Tabernáculo (Êx 25-31), o bezerro de ouro e a renovação da aliança (Êx 32-34), leis cúlticas e relacionadas aos sacrifícios (Êx 35-40; Lv 1-16), a Lei de Santidade (Lv 17-26). É muito curioso perceber que a moldura deste bloco (o que vem antes e o que vem logo depois) narra os mesmos assuntos entre si: A murmuração do Povo de Israel no deserto e a escolha de anciãos para auxiliar Moisés na condução e orientação do povo. A *primeira moldura* está em Êx 15-18, na qual o Povo de Israel reclama das águas amargas e da falta de alimento. Deus, então, lhes envia o maná e codornizes para alimentá-los e faz com que águas amargas se tornem em água doce (potável), para sacia-los de sua sede. Em Êx 18, Moisés recebe uma visita inusitada de seu sogro, Jetro, que fica horrorizado com a forma através da qual Moisés orienta o povo: “Não é bom o que fazes. Sem dúvida, desfalecerás, tanto tu como este povo que está contigo; pois isto é pesado demais para ti; tu só não o podes fazer” (Êx 18.17-18). Diante disso, Jetro sugere a Moisés escolher pessoas capazes entre o povo para auxiliá-lo. A *segunda moldura* repete esse mesmo enredo em Nm 11. Após partir do Sinai, finalmente rumo à Terra Prometida, o Povo de Israel começa a murmurar novamente: “Quem nos

² Cf. SCHWANTES, Milton. Números 11.11-12,14-17,24-25 – Domingo de Pentecostes. Proclamar Libertação: Auxílios para o anúncio do evangelho. Volume VIII. São Leopoldo: Sinodal, 1982, p. 205-212; BLIND, Sissi. Números 11.24-30 – Domingo de Pentecostes. Proclamar Libertação: Auxílios para o anúncio do evangelho. Volume XXXII. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p.169-173.

dará carne a comer?” (Nm 11.4). A saudade dos peixes gratuitos do Egito, dos pepinos e cebolas, dos melões e dos alhos silvestres (v.5) fazia-os embrulhar o estômago só em pensar que tinham somente o maná para comer. E então, começaram a chorar e a se lamentar diante de Moisés. Quando finalmente tudo parecia estar certo para seguir a viagem sem problemas, a fé e a motivação dos israelitas são bombardeadas pelo ronco de seus estômagos, pela ingratidão em seus corações e rebeldia no seu relacionamento com Deus (em hebraico: *amargura*, como paralelo às águas amargas).

Diante dessa situação, a ira de Deus se acende contra os israelitas (Nm 11.1-3). E não era por menos! Deus até então estava sustentando-os, não apenas com sua presença e o seu guiar no meio do deserto, mas também com o sustento físico, dando-lhes alimento e água e tudo o que lhes era necessário para viver. Moisés, como líder do povo cumpre a sua tarefa. Ele se assenta à porta de sua tenda (v.10) e ouve um por um (por famílias) chorar diante dele, reclamando da situação. O texto diz, que mais uma vez a ira do Senhor se acende. Mas desta vez, também Moisés fica irado. O fato de Deus estar novamente irado com o seu povo, “pareceu mal aos olhos de Moisés” (v.10). Por isso, Moisés ora a Deus e questiona o seu agir, questiona o seu chamado, questiona o fato de Deus ter escolhido o Povo de Israel, de ter com ele um plano e de usar o próprio Moisés como líder deste povo. Moisés diz a Deus, que sozinho não tem condições de continuar guiando esse povo, por ser um fardo pesado demais. Sua oração termina com um pedido de morte: “Mata-me de uma vez!” (v.15).

O contexto da perícopé deixa o cenário da nossa perícopé bem claro diante dos nossos olhos: Vemos um povo ingrato, rebelde e manhoso, vemos um líder cansado, solitário e decepcionado com Deus. Vemos também um Deus cheio de planos e promessas, animado com a condução de seu povo até a Terra Prometida, mas irado com esse mesmo povo, por conta de sua falta de fé, confiança e perseverança. Contudo, Deus, por sua vez, não deixa essa situação ficar desse jeito. O povo está sem perspectivas. Moisés está sem perspectivas. Mas Deus tem perspectivas! Deus sabe o que a sua comunidade precisa. O povo quer carne, mas Deus envia e dá-lhe o seu Espírito. O povo quer algo visível e palpável. Deus, porém, dá-lhe algo invisível: o seu Espírito. Moisés quer abdicar da sua função. Prefere a morte a viver. Deus, porém, concede-lhe auxiliares e dá aos anciãos o Espírito que concede vida e força para viver e servir. Assim, chegamos à perícopé proposta para a prédica.

O texto não apresenta nenhuma dificuldade lexical ou gramatical. As poucas chamadas textuais do aparato crítico não alteram o sentido da perícopé. Muitas delas apontam apenas para mudanças em comparação ao *Pentateuco Samaritano*. Da mesma forma, as pequenas variações nas traduções em português apenas ajudam a compreender melhor o texto em si. Uma única informação interessante é o fato da Nova Tradução da Linguagem de Hoje traduzir um pouco diferente no v.29 a reação de Moisés à sugestão dada por Josué de repreender Eldade e Medade por profetizarem no arraial e não na tenda. Ela traduz: “Por que você está preocupado com os meus direitos, quando eu é que devia estar?”. Todas as outras versões portuguesas usam o termo ciúmes. Mesmo assim, o sentido permanece o mesmo. A perícopé pode ser dividida e compreendida da seguinte maneira:

a) Moisés obedece ao Senhor e se reúne com os anciãos (v.24):

Após a oração de Moisés a Deus, pedindo para morrer diante dessa situação tão lastimável dos israelitas, Deus vem ao seu encontro e orienta-o no que deve fazer. O v.24 inicia falando que Moisés obedece às ordens dadas por Deus. Ele vai até o local onde está o Tabernáculo (Tenda), convocou 70 anciãos e juntos se colocaram na presença do Senhor, esperando o agir de Deus. Esse é o lugar do culto. Ali Deus vai se revelar ao povo. Ali ele vai ajudar Moisés e o seu povo. O texto deixa algo de

suspense no ar, embora Moisés saiba bem ao certo o que Deus vai fazer, pois foi instruído por Ele (v. 16-23). Os anciãos não são apenas os mais idosos dentre os do povo, mas também aqueles que assumem funções dentro do povo.

b) Deus desce e sopra o seu espírito sobre os anciãos (v. 25-26):

Deus desce na nuvem onde está e tira uma parte do Espírito Santo, que ele havia concedido a Moisés e concede aos 70 anciãos do Povo de Israel (cf. Gn 46.27; Lc 10.1,17). Isso não significa que Moisés perde uma parte do Espírito de Deus, ou que ele fica enfraquecido por isso. Pelo contrário, o Espírito Santo permanece agindo na vida de Moisés. Pode-se entender essa atitude de Deus de forma pedagógica a Moisés. Não apenas o fardo e o peso do ministério são tirados de sobre Moisés, mas também eles são tirados e compartilhados, quando o Espírito que é dado, também é compartilhado. O Espírito Santo é de Deus e não de Moisés. O texto continua dizendo que o Espírito repousou sobre eles e que imediatamente os anciãos começaram a profetizar. O dom de profecia é na Bíblia um fenômeno visível do agir do Espírito Santo (cf. 1 Sm 10.6-13; 19.20-24; 1 Rs 22.6,10-12; Jl 2.28; At 2.4; 1 Co 12.10). Muitos estudiosos associam esse dom aqui a um estado de êxtase (cf. 1 Co 12-14). O texto não fala a razão de Eldade e Medade não estarem junto, ao redor da tenda, com os demais anciãos. Fato é que ambos não são excluídos de receberem o dom do Espírito e de apresentarem os sinais dessa dádiva, descritos no texto como o dom da profecia. O que se pode depreender disso, é que o Espírito Santo age na comunidade lá onde há culto (na tenda) e lá onde se vive (no arraial).

c) Reações distintas diante do Espírito que sopra onde e como quer (v.27-28):

A concessão do Espírito Santo aos anciãos foi um fenômeno notório no meio do Povo de Israel e causou reações distintas. Um jovem anônimo, ao ver Eldade e Medade profetizando no meio do arraial, corre em direção a Moisés, para informá-lo do ocorrido. O texto não deixa claro, se o fato causa indignação ou espanto. O que fica evidente é que isso não seria algo normal e, por isso, Moisés deveria ficar sabendo. Já no v.28, vemos a reação de Josué, filho de Num (cf. Êx 17.1-16; Dt 31.1-8; Js 1.1), que assume uma reação negativa diante do fenômeno da profecia, ocorrida no meio do arraial. Para Josué, os dois anciãos profetas deveriam ser repreendidos por Moisés. Também aqui o texto não dá maiores explicações. A razão poderia ser o fato de eles terem desobedecido à ordem de Moisés, de estarem todos ao redor da tenda. Mas também isso seria especulativo, pois o texto não os recrimina por estarem no arraial. Moisés e Josué permanecem como expectadores do agir de Deus, por meio da dádiva do Espírito Santo aos anciãos. Moisés agora pode estar mais tranquilo e aliviado. Deus capacitou setenta anciãos para lhe auxiliar. Também Josué, um dia, vai colher os frutos dessa dádiva, quando ele deixar de ser o servidor de Moisés e passar a ser o substituto de Moisés, escolhido por Deus e aprovado pelos anciãos para liderar o povo e entrar com ele na Terra Prometida (cf. Js 1.1-18; 23.1-24.25).

d) A visão de ministério de Moisés (v. 29-30):

Moisés reage de forma inusitada ao pedido de Josué: “Tu tens ciúmes por mim?”. É muito interessante essa resposta de Moisés. De fato, ele poderia ter ficado com ciúmes. Afinal, Deus o chamou para libertar o Povo de Israel da escravidão do Egito e o capacitou o tempo todo para liderar esse povo. Moisés poderia pensar que era o único capaz de fazer tal obra e pensar, que teria sozinho, força para

isso. Mas pelo contrário, Moisés aprova a profecia de Eldade e Medade no arraial, ao dizer a Josué: “Tomara todo o povo do Senhor fosse profeta, que o Senhor lhes desse o seu Espírito!” (v.29). Moisés deixa claro, que o dom do Espírito Santo não era algo somente dado a ele, como líder do povo de Deus. Seu desejo, talvez dito até por desabafo, era que todos pudessem receber o Espírito de Deus. O que Moisés expressa aqui, se torna realidade com a profecia de Joel 2 e, principalmente, com o derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos em Atos 2, no dia de Pentecostes, inaugurando assim, a atuação da igreja no mundo.

Meditação

Ao meditar sobre esse texto, fazemo-nos algumas perguntas: Como pode o povo de Deus reclamar tanto e ser tão ingrato a Deus? Esse é o povo de Deus, sua comunidade! Como pode? Como pode um líder, servo de Deus como Moisés ter tanta dificuldade de aprender a delegar suas funções? A visita de Jetro não adiantou de nada? Por que o vemos novamente cansado e sobrecarregado, querendo “*carregar o piano*” sozinho? Como pode um servo do Senhor pedir para morrer, por não dar conta do seu ministério? Por mais que todas essas perguntas sejam legítimas e inusitadas, elas podem ser percebidas também hoje na comunidade cristã e no ministério cristão.

Por isso, contextualizar a perícopes de Números 11.24-30 não parece ser difícil. O texto fala de realidades bem comuns hoje no contexto eclesial. A rebeldia do povo de Deus hoje e a sobrecarga, bem como o cansaço ministerial são notórios. Mas também a iniciativa de Deus, de vir ao encontro de seu povo ingrato, que possui dura cerviz, bem como, de vir ao encontro de seus servos cansados e sobrecarregados, é realidade visível hoje. O escopo do texto deixa claro que o agir do Espírito Santo não apenas gera a fé, mas também o serviço. Esse serviço não é dado por Deus como fardo, mas sim como bênção, se for entendido do jeito de Deus. Por isso, ele é chamado de ministério. O texto aponta não para a inércia na comunidade. Problemas, dificuldades e desafios sempre vão existir. Deus chama, capacita e envia pessoas para justamente não haver sobrecarga, ao lidar com situações difíceis no seio da comunidade. Talvez nossa maior vontade seja que não haja carga alguma para carregar no ministério. Talvez, desejamos que nós sejamos o centro das atenções no ministério. O texto parece mostrar, por um lado, que Moisés não se convence de que a forma como Deus lhe resolve o problema será realmente acertada. Deus o desafia sarcasticamente: Leia o v.23! Por outro lado, parece que Josué entende que Moisés estaria com ciúmes, já que agora não apenas ele, mas setenta anciãos receberam o poder do Espírito de Deus e que dois deles estão meio sozinhos profetizando pelo arraial. Como lidamos com a concorrência? Ou melhor, como lidamos com o ministério compartilhado? Não somos os únicos que “profetizamos”. O Espírito de Deus sopra também em outras igrejas. Com isso, não se quer defender um carismatismo exacerbado. Fato é que a igreja de Jesus Cristo é sim carismática, no sentido bíblico do termo, ou deixa de ser igreja. Isso significa, que na igreja de Jesus Cristo, não há espaço para um “*pastorcentrismo*”, ainda bastante presente em nossas comunidades. As razões para isso partem tanto de ministros, como também dos próprios membros. Ministros podem pensar que, por conta da ordenação, são os únicos chamados, capacitados e autorizados para exercerem o ministério (cf. artigo XIV da Confissão de Augsburgo). Já os membros, podem pensar que não precisam se envolver no trabalho da comunidade, porque pagam um ministro para fazer tal trabalho. Ministros podem reagir com ciúmes diante de membros que exercem os dons na comunidade. Ministros podem querer impedir e repreender o sacerdócio geral, por medo de perderem espaço, ou por excesso de zelo confessional. Membros podem se esquivar de seu chamado e de seu serviço dentro da comunidade.

Há também outro fenômeno perceptível, chamado por alguns de “*leigocentrismo*”. Tal visão transforma ministros em funcionários da igreja, que precisam apresentar níveis de qualidade (Pastor ISO 9001), que além de destruírem sua autoestima, o sobrecarregam em demasia. O texto nos deixa bem claro o caminho do equilíbrio diante de tal situação.

De qualquer forma, falar do Espírito Santo também é polêmico no contexto eclesial brasileiro. Mas isso não deveria ser empecilho. O Espírito Santo continua agindo na igreja, continua chamando, capacitando com seus dons e enviando pessoas para a edificação da comunidade. Se por um lado esse texto é uma exortação clara à edificação da comunidade por meio dos dons do Espírito Santo, ele também é um bálsamo para todos os ministros, que andam assim como Moisés, cansados e sobrecarregados, sem perspectivas para o ministério, em vias de “*pendurar o talar*”. O Senhor tem perspectivas para a sua igreja. Ele respondeu a oração de Moisés, não como ele esperava, mas como ele precisava. Do que nós precisamos hoje em nosso ministério e em nossas comunidades?

Cabe aqui lembrar que também Lutero se ocupou com esse assunto no contexto da Reforma. Tanto a pneumatologia, quanto a edificação da comunidade são temas centrais da teologia de Lutero. Sobre isso e também sobre o tema do sacerdócio geral, indico abaixo literatura para aprofundamento. Cito a título de sugestão para meditação, palavras do próprio Lutero no Catecismo Menor, ao explicar sobre o terceiro artigo do Credo Apostólico: “Creio que por minha própria razão ou força não posso crer em Jesus Cristo, meu Senhor, nem vir a Ele. Mas o Espírito Santo me chamou pelo Evangelho, iluminou com seus dons, santificou e conservou na verdadeira fé [...]”. Ser chamado pela fé e servir pelo amor é obra única e exclusiva do Espírito Santo em nossa vida. Moisés é testemunha disso!

Considerando que estamos em 2023 e 2024, celebrando os 200 anos de presença luterana no Brasil sob o lema bíblico de Mateus, “você são o sal da terra. Você são a luz do mundo” (Mt 5.13-14) e, considerando que neste culto temos o lançamento da Campanha Vai e Vem de 2023, é importante perguntar o que a perícopes prevista para a pregação do domingo de Pentecostes tem a nos dizer. Sal e luz parecem ser duas coisas tão triviais em nossos dias. Contudo, na época bíblica, eles eram extremamente importantes e imprescindíveis. Não havia luz elétrica, muito menos lâmpadas de LED. Quando a noite chegava, a escuridão tomava conta da realidade e da vida das pessoas. Apenas pessoas muito abastadas tinham acesso a lamparinas, que iluminavam o ambiente, por meio do uso de um caríssimo óleo. Quem tinha uma lamparina destas, podia enxergar em meio à escuridão. A luz vinda da lamparina fazia toda a diferença por onde brilhava. A mesma coisa fazia o sal. Além de ser usado para salgar e temperar alimentos, o sal era usado em feridas por causa de suas propriedades medicinais. Ele também era usado para conservar alimentos perecíveis, principalmente a carne e, não por último, era usado como forma de pagamento. Daí vem a palavra salário. Também o sal fazia diferença no alimento, na ferida e onde fosse utilizado. Sal e luz têm em comum, que são duas coisas que faziam a total diferença na vida das pessoas que os tinham.

Jesus chama seus discípulos, no Sermão da Montanha, para serem sal e luz, isto é, para serem o ingrediente que faz total diferença em contexto de trevas e escuridão, em situações insípidas da vida. Cabe lembrar aqui, que a imagem da luz, como identidade da pessoa cristã, reflete a própria identidade de Deus e de sua palavra no Antigo Testamento (cf. Gn 1.3; Sl 27.1; Sl 119.105) e a própria auto-revelação de Jesus Cristo (Jo 8.12). De que forma podemos ser sal e luz em nossa família, comunidade e em nosso mundo? O texto da pregação aponta para o agir do Espírito Santo no meio do povo de Deus. O seu contexto literário maior (perícopes do Sinai) aponta para a aliança de Deus com o Povo de Israel, a qual estabelece Israel como Reino de Sacerdotes e Nação Santa (Êx 19.6) e para

todas as implicações desta identidade de Israel entre as nações. A partir desta aliança de Deus com o Povo de Israel e a dádiva de seu Espírito ao seu povo, fica claro que Israel foi chamado a fazer a diferença no mundo em que vivia. Prova disso, é o Decálogo, a construção do Tabernáculo, o Código de Santidade (Lv 19-27). Israel foi chamado a ser um “culto ambulante” no mundo, exercendo o seu sacerdócio, cumprindo a missão de Deus através de seus dons, fazendo a diferença por onde passava. Essa dimensão é retomada também no Novo Testamento. O apóstolo Pedro, em sua primeira carta, vai nos dizer: “Vós, porém, sois raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus, a fim de proclamardes as virtudes daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz” (1 Pe 2.9). Isso é ser Igreja de Jesus Cristo.

Sugestão Homilética

A perícopes parte de uma realidade sem perspectivas (o povo de Israel e Moisés) e culmina com o agir surpreendente do Espírito Santo. Assim deveria ser a direção da pregação.

Tema da pregação: Deus capacita a sua Igreja

- 1. O Senhor sabe o que sua comunidade necessita**
 - 1.1 Há demandas e mais demandas na comunidade
 - 1.2 Moisés se sente sozinho e sobrecarregado
 - 1.3 Deus chama pessoas para ajudá-lo
- 2. O Senhor concede o seu Espírito Santo**
 - 2.1 Deus envia o Espírito Santo
 - 2.2 O Espírito Santo habita (repousa) no meio do povo de Deus
 - 2.3 O Espírito Santo age no meio do povo de Deus
- 3. O Senhor capacita com seus dons**
 - 3.1 Os dons do Espírito Santo são partilhados na comunidade
 - 3.2 Os dons do Espírito Santo servem para edificar a comunidade
 - 3.3 Os dons do Espírito Santo impulsionam à missão da comunidade

Imagens para a Prédica

O futebol pode auxiliar muito bem a exemplificar a perícopes. Conta-se que certa vez um técnico de futebol foi entrevistado por um repórter de uma revista esportiva muito famosa, que tinha interesse em saber qual seria a grande contribuição do futebol para a saúde e para manter a forma física. Ao ser perguntado pelo repórter, o técnico responde: “Em minha opinião, o futebol não ajuda em nada para manter a forma física, muito menos ajuda na saúde”. O repórter, espantado, indagou: “Mas como? Que explicação você daria para essa afirmação?”. O técnico prosseguiu convicto de sua afirmação, dizendo: “Num jogo de futebol, encontramos 22 dois atletas correndo 90 minutos de um lado para o outro, num campo de futebol atrás de uma bola, sem poder descansar. Eles vivem sobre a pressão de uma grande multidão, mais de 50.000, que estão meramente sentados nas arquibancadas, sem fazer um esforço sequer para que o jogo tenha um vencedor”. Esse exemplo, por mais simples que possa parecer, ajuda-nos a entender o que muitas vezes acontece na Igreja Cristã. Poucos fazem todo o trabalho, são alvo de críticas daqueles, que não participam da vida da comunidade, que não se envolvem nas atividades, não servem com seus dons. A igreja sofre com as expectativas e críticas de

muitos e padece com a falta de participação de muitos. Na igreja de Jesus não há arquibancadas, nem banco de reserva. Todos são chamados a jogar.

Além desse pequeno exemplo, e como estamos no ano do Jubileu da Reforma, nada melhor do que ilustrar a pregação para o culto de Pentecostes com informações, textos, imagens de Lutero e da Confessionalidade Luterana. O texto de Nm 11.24-30 apontou como vimos acima, para a realidade do sacerdócio geral de todos os crentes. Esse tema foi bastante desenvolvido por Lutero em alguns de seus escritos. A título de sugestão e de informação, deixo abaixo algumas referências bibliográficas sobre o tema do Espírito Santo e do Sacerdócio, na perspectiva de Lutero e da confessionalidade luterana, que podem inspirar nesse sentido a prédica:

- a) LUTERO, Martim. Catecismo Maior. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2012, p. 82-88.
- b) LUTERO, Martim. À Nobreza Cristã da Nação Alemã, acerca d Melhoria do Estamento Cristão. OSel 2. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989, p. 277-340 [especificamente p. 282-286].
- c) LUTERO, Martim. Dos Concílios e da Igreja. OSel 3. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1992, p. 404-408; 413-420.
- d) SPENER, Phillip Jakob. Mudança para o futuro – Pia Desideria. Curitiba: Encontrão; São Bernardo do Campo: IEPG, 1996, p. 90-94.
- e) BAYER, Oswald. A Teologia de Martim Lutero. São Leopoldo: Sinodal, 2007, p. 173-184; 1850-203.
- f) WACHHOLZ, Wilhelm. História e Teologia da Reforma. Introdução. São Leopoldo: Sinodal, 2010, p. 127-131.
- g) DREHER, Martin. Igreja, Ministério, Chamado e Ordenação. Estudos a partir de Lutero. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2011.
- h) VOIGT, Emílio. Quem somos nós? Princípios da Fé Cristã e da Confessionalidade Luterana. São Leopoldo: Sinodal, 2014, p. 51-57; 96-97.
- i) BRAKEMEIER, Gottfried. Confessionalidade Luterana – Manual de Estudo. Série Educação Cristã Contínua. São Leopoldo: Editora Sinodal/EST, 2010, p. 67-73.

Bibliografia do auxílio exegetico

WENHAN, Gordon J. Números. Introdução e Comentário. São Paulo: Vida Nova; mundo Cristão, 1985.

NOTH, Martin. Das 4. Buch Mose – Numeri. [ATD 7]. Göttingen: V&R, 1977.